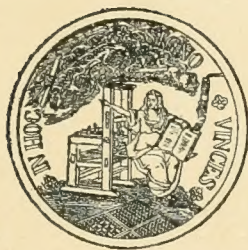
Pintores e Poetas de Rilhafoles

JULIO DANTAS

Pintores e Poetas de Rilhafolles

1900

LIVRARIA EDITORA

GUIMARÃES, LIBANIO & C.ia

108, Rua de S. Roque, 110

LISBOA

Ao senhor professor

M. Bombarda

Expressão de agradecimento e admiração.

I

Objectivo d'este estudo. — Difficuldades. — O museu de Rilhafolles. — A monographia de Ales Hrdlicka. — Psychiatria applicada. — O «Flos Sanctorum» e a paranoia. — Os anarchistas. — As psychoses palustres e a historia. — O livro de Galaaz e a diabètes do pae de S. Sebastião. — A arte e a psychiatria: pré-raphaelismo, resurreição do gothico. — Medicina e litteratura: Braz Luiz de Abreu e a satyra aos sapatinhos bordados de fio d'oiro. — Importancia diagnostica, esthetica e medico-legal da arte do louco. — Eroticos e regicidas.

Tem o auctor d'estes ligeiros apontamentos como objectivo o estudo d'algumas caracteristicas da arte do louco, pela vantagem que da sua fixação resulta para a critica geral da arte sã e pela importancia que esse estudo revéste na diagnose de certas fórmas de loucura.

Evidentemente, um trabalho d'esta natureza importa graves difficuldades. A escassez bibliographica impondo estructura propria; a necessaria convergencia de conhecimentos ordinariamente dissociados, para a elaboração de conclusões onde naturalmente se fundem a arte e a psychiatria; a mingua de loucos artistas nos hospitaes portuguezes; a falta ainda mais sensivel de artistas officialmente cotados que se prestem a inqueritos da natureza d'a-

quelle que Toulouse sonhava fazer a Puvis de Chavannes; tudo isto mostra, bem claramente, qual a arduidade do thema escolhido.

Mas porque o trabalho é difficil, mais uma razão para o tentar.

O assumpto d'esta ligeira monographia foi suggerido ao auctor pelas várias *gouaches* e carvões de proveniencia manicomial de que o illustre professor Bombarda fez decorar a sala das suas lições, em Rilhafolles. A escolha foi mais tarde fortalecida pela leitura de um artigo de Ales Hrdlicka in *The American Journal of Insanity (Baltimore, January, 1899)* em que o psychiatra americano estuda, muito ao de léve, as varias manifestações d'arte no campo da mentalidade anormal, — artigo que constitue, por assim dizer, a unica bibliographia do assumpto.

É possivel que alguem conteste a utilidade de estudos d'esta ordem, em que se serve uma guloseima d'arte na escudéla d'oiro da fidalga psychiatria. É possivel que alguem a conteste. Mas contestal-a é contestar uma das maiores victorias da sciencia medica: o seu admiravel poder de diffusão, que lhe permittiu invadir os limites da litteratura, da arte, da sociologia, da historia, do direito e da politica. Por egual criterio, a arte applicada deixaria de ser uma arte util. As coisas caminháram. O medico tem hoje o seu logar marcado na critica das manifestações artisticas e intellectuaes suas coévas, e tambem, o que é devéras importante, na critica e philosophia historicas. A historia está por fazer no que toca á sua parte de interpretação philosophica. O medico está destinado a ser o historiador. O proprio *Flos Sanctorum,* nas mãos do alienista, redu-

zir-se-ha ás modestas e nada milagrosas proporções d'um capitulo de psychiatria. O conceito da paranoia faz abanar as mitras d'oiro no beato craneo dos doutores da egreja. A anarchia cahiu, com os alienistas italianos, sob a alçada freniátrica. As psychoses palustres atravessam as paginas da historia portugueza. Muitos dos nossos reis, nas dynastias idas, não foram mais do que uma corôa real sobre um baço hypermegálico. A *habetica passio* do pae de D. Sebastião, esse diabético de dezeseis annos, a mais commovente figura d'uma dynastia nevropathica que se extinguiu pela castidade imitando o livro de Galaaz, dava, seguramente, um dos mais bellos capitulos da nossa historia. Do estudo das manifestações artisticas nas degenerescencias psychicas ha a esperar um largo desenvolvimento da philosophia da arte. Veremos como por esse curiosissimo estudo se pode encontrar a razão theorica das revivescencias e da impeccabilidade das reconstruções. O pré-raphaelismo inglez assenta sobre um indiscutivel fundo de mentalidade paranoica. A resurreição do gothico, que veio agora illuminar e enriquecer a esculptura patria, dando-nos essas preciosas imagens de santa Izabel e de santo Izidoro bispo, tem, ao que parece, uma explicação que, apesar de archi-theorica, não deixará de ser exposta.

Para que a educação de um critico d'arte assente sobre bases solidas, é preciso partir da extranha e monstruosa arte dos manicomios para a arte officialmente cotada. Certos caractéres peculiares á arte do louco, sobre tudo á pintura, apparecem muitas vezes nas obras dos grandes talentos: por exemplo, o symbolismo, a regressão, a chromophi-

lia. O papel do critico está intimamente ligado á medicina: o campo da psychiatria applicada tornar-se-ha enorme, de futuro. Não estamos já em tempo de scisões absurdas. A propria litteratura, tanto tempo considerada como uma ourivesaria inutil pelo médico antigo é hoje uma poderosa arma nas mãos do médico moderno. São do professor Curry Cabral estas justas palavras, n'um precioso artigo sobre a alta figura intellectual de Manoel Bento: «*as sciencias e as lettras fôram, mais uma vez, reveladas como irmãs gémeas para o espirito illustrado e progressivo.*» Claro é, sem que a fusão vá até ao extremo a que a levou o nosso grande médico do século XVIII, Braz Luiz de Abreu, que na sua *Monarchia Médico-Lusitana*, em meio das graves anatomias da cabeça, metteu uns versos de sua lavra «*a certa dama que, sendo calva, trazia uns sapatos bordados de fio d'oiro...*»

Hoje a satyra guarda-se para melhores occasiões.

Mas o que resulta de tudo isto, brilhantemente, é o admiravel poder de expansão da medicina que, pela psychiatria, tende a invadir todos os ramos da mentalidade humana.

O estudo das manifestações d'arte, ou antes, dos documentos escriptos e picturaes que nos dão os manicomios, será a grammatica do critico profissional, quando a critica, por melhor armada, servir para alguma coisa n'esta terra de inuteis e de bonifrates.

É das caracteristicas d'essa arte de hospital, — que muitas vezes, sobre tudo na paranoia, toma a fórma d'uma arte verdadeiramente primitiva — que se occupa a presente monographia.

Mas além do seu largo interesse no que respeita

á philosophia da arte, este estudo tem grande importancia medico-legal como auxiliar na diagnose de certas fórmas de loucura, especialmente nos delirios systematisados.

Essa importancia redobra nos casos de paranoia erotica e de paranoia ambiciosa, em que o doente, negando-se a exteriorisar o seu systema delirante na communicação verbal, o exteriorisa depois, sem querer, n'uma carta ou n'um desenho de caracter symbolico. A apprehensão d'um documento d'esta ordem dá, ás vezes, ao medico-legista, a chave de um delirio ferrenhamente escondido. Os exemplos abundam. É o caso do paranoico originario da obs. XI (fórma Sander), que escrevia cartas incendiarias á Rainha, e de um dos suppostos «regicidas» de Rilhafolles que se julgava amado da princeza Helena.

II

Valor psychiatrico e valor esthetico da documentação de Rilhafolles. — Arte sandia e arte sadia. — Os pintores e as vesanias: edade d'oiro dos paralyticos geraes; a dyesthésia e os melancolicos; hypertrophia e symbolo na paranoia. — A vesania e os poetas: incoherencia do hyperhedonico e do paralytico geral. — Os paranoicos e os frades copistas dos inéditos d'Alcobaça. — Os «poetæ minores» e a aristocracia dos manicomios. A arte dos incultos: motivos liturgicos; a tatuagem, as «marcas» e as «chrismas». — A «mère Gigogne» da arte insana é a paranoia.—Como os paranoicos e os paralyticos geraes são levados ao documento pictural: a heraldica, a direcção dos balões, os «motores electricos de vacuo». — A paranoia indifferente e as figuras de cêra da arte da Dissolução.

O preconceito leigo de que não ha grande poeta ou grande pintor que não tenha «aduéla de menos» poderia dar margem a que se esperassem preciosidades da arte de Rilhafolles. Puro engano. O grande valor do documento do louco é exclusivamente psychiatrico. O valor esthetico é minimo ou nullo. Quasi toda a documentação, pelo lado pictural, se reduz a figurações toscas, archi primitivas, ricas como elementos de estudo para o psychiatra, mas d'uma pobresa franciscana como valorisação esthetica. Nem podia deixar de ser, dada, nos manicomios, a escassa percentagem de artistas loucos, os unicos que pelo seu anterior cultivo poderiam for-

necer-nos documentos mais ricos d'arte. Sem base de academias, sem technica, sem cultivo profissional, não ha bom pintor nem bom modelador. É uma verdade vulgar.

Evidentemente, do artista louco pode esperar-se mais do que do louco artista. O que não quer dizer que se deva esperar muito. A ecclosão d'uma vesania n'um homem de talento, dá immediatamente uma baixa consideravel no valor esthetico das suas producções ulteriores. Ha excepções: os paralyticos geraes (obs. I) podem, como veremos, nos pródromos da cerebropathia, tornar-se mais brilhantes dentro d'um talento ou d'uma disposição anteriormente cultivada. Mas é sol de pouca dura. Depréssa vem a indifferença, a obnubilação, os *lapsus judicii* e os *lapsus memoriae*, e o doente cáe na animalidade sordida. Em regra, mesmo quando tenha sido grande, o artista louco é sempre inferior ao artista normal. Ou fica immediatamente liquidado pela propria dyesthésia psychica, como no caso dos melancolicos; ou a quéda se faz, pouco a pouco, pelos progressos da anesthesia esthetica. Ha ainda a notar, no grupo dos paralyticos, as desordens de coordenação difficultando a realisação pictural. Em certos casos de paranoicos com base de academias, as caracteristicas anteriores do artista, a sua visão especial, as suas tendencias, os seus defeitos, essa resultante das mil e uma forças que constituem definitivamente a *maneira*, soffre, com a natureza amplificadora do delirio, uma hypertrophia total. D'ahi as creações grotescas, *baroques*, disformes, quasi monstruosas dos paranoicos e a sua habitual tendencia para a allegoria e para o symbolo. O doente passa a ser, dentro da sua arte, a caricatura de sì

Uma «*Gouache*» do paralytico geral A. G. (Obs. I)

mesmo. As suas creações ganham ás vezes em riqueza plastica e imaginativa o que perdem em equilibrio, em coherencia, em valor esthetico. Deixa de ser uma arte o que nos vemos, para tornar-se a expressão pictural d'um desvio ideativo. O que, de resto, não é para extranhar: não estamos n'um museu, mas sim n'uma clinica psychiatrica.

Sobre os documentos escriptos ha as mesmas considerações a fazer. Nada se pode esperar d'um terreno sem anterior preparo. Os loucos poetas e os loucos graphomanos são recrutados entre os maniacos, os paralyticos geraes e os paranoicos. O maniaco não dá nada que preste. A acceleração das concepções, emprestando um falso brilho ao hyperhedonico, traz comsigo a incoherencia, a confusão, a deformidade, o desconchavo, a falta de logica. O mesmo se dá no paralytico geral, ainda que por modo differente: a incoherencia vem, não pela vertigem dos processos psychicos, como no maniaco, mas pela amnésia, pela paragraphia. Ficam nos os escriptos do paranoico, os mais preciosos de todos para o alienista. São, de ordinario, documentos pittorescos, variando com o contheúdo das idéas delirantes, gafos de neologismos e ás vezes de archaismos, eriçados de expressões symbolicas, com abuso de capitulos, de maiusculas, de itálicos. Alguns paranoicos florêam e illuminam as lettras capitaes como o faria um vélho copista dos inéditos de Alcobaça. A linguagam é balofa, com periodos enormes e brilhos de brocado falso, traduzindo a autophilia do doente, os seus pruridos reformatorios, a sua paralogica originaria, a egocentricidade dos seus conceitos. Apesar de haver, muitas vezes, uma extrema semelhança entre os escriptos do paranoico

e os versos forgicados dos nossos *poetæ-minores*, nada de valioso nos é licito esperar d'esta raça de vesanicos, que representa, por assim dizer, a aristocracia dos manicomios.

Mas a percentagem de loucos educados é, como já dissémos, desgraçadamente escássa. O alienista tem de lançar mão de todos os documentos, escriptos ou picturaes, mesmo quando originarios de loucos incultos. Como estes são, pela maior parte, analphabetos, o que predomina é o documento pictural que, apezar da archi-primitividade da sua execução, muito interessa ao psychiatra.

No grosso da documentação de Rilhafolles ha de tudo, desde as largas composições de caracter religioso, imagens de bispos em nichos d'oiro, evocações evangélicas, formulas liturgicas, — até ás mais simples expressões figuradas que certos loucos nos dão como exteriorisação plastica dos seus delirios, systematisados ou não, e que lembram, pela maior parte, as figurações da tatuagem vulgar, as *marcas* e as *chrismas*, tão canhêstras no traço e tão originaes no symbolo, em que são useiros e veseiros os portuguezes. D'ahi para baixo, só os lineamentos e figuras symétricas de certos epilepticos e idiotas originarios, que teem, como exclusiva caracteristica, a mais absoluta miséria poiética (obs. V e IX).

Mas, ainda entre os incultos, a *mère Gigogne* de todas as tendencias d'arte é a paranoia.

Certos paranoicos, só depois de hospitalisados começam a ser artistas. Dir-se-ha que a nova personalidade do vesanico traz comsigo tendencias artisticas desconhecidas da primitiva personalidade. Não é assim, entretanto. Essa brusca floração ex-

plica-se, a maior parte das vezes, pela forte necessidade que sente o paranoico de exteriorisar, por qualquer fórma, um conceito delirante ferrenhamente dissimulado na communicação verbal. A ausencia de critica facilita ainda essa fórma de exteriorisação. O paranoico, uma vez a sós, confia ingénuamente ao papel o seu delirio. É o que se dá, sobre tudo, como já dissemos, na paranoia expansiva de colorido erotico (obs. XI). A superiorisação da creatura amada, que o doente envolve n'um halo d'oiro, cuidando-a ou extra-terrestre ou hierática e milagrosa, leva-o á representação symbolica das suas idéas delirantes. Certos paranoicos inventorios e certos dementes paralyticos que fazem episodicamente um delirio inventorio, são levados ao documento pictural, nunca até ahi tentado, pelo proposito de dar ao mundo o graphico dos seus inventos. D'ahi, os complexos arcaboiços de «balões dirigiveis» e de «motores electricos de vacuo» que apparecem na collecção de Rilhafolles (obs. I e XI). Por egual caminho, os megalomanos que fabricam um delirio nobiliarchico, são levados, pela propria natureza do conceito delirante, ás mais extranhas figurações heraldicas (obs. VII). Por ultimo veem os erros de sensorio, designadamente as allucinações visuaes, dar farta motivação a toda a ordem de documentos plasticos.

É finalmente ainda a paranoia que, pela maior amplidão do conceito anthropologico dos psychiatras italianos (paranoia indifferente, paranoia *sine-delirio*) rompe os muros dos manicomios e alastra, cá por fóra, dando os revolucionarios, os anarchistas, os *mattoides*, os santos, e toda essa galeria de figuras de cêra da litteratura e da arte decadente,

a que é de uso chamar symbolistas, mysticos, néo-gothicos, bysantinos, préraphaelitas, e varios outros nomes de giria barbara creados com peor ou melhor fortuna pelos pseudo-genios da Dissolução.

III

De como a arte dos hospitaes ensina a «vêr» a arte dos museus. — A paranoia «sine delirio» e os grandes talentos. — Erros da critica leiga. — Consagração das multidões derrancadas. — Perigos que d'ahi resultam. — A morte das artes é o começo da morte das raças. — Intervenção d'uma critica systematisada. — Necessidade de fixação das viciações vesanicas.

Esta pequena monographia tem, como já dissémos, por unico e restricto objectivo, a fixação d'algumas caracteristicas da arte do louco, — caracteristicas variaveis com as fórmas da vesania, mas constantes dentro de cada fórma. É um simples esboço que, ao menos pela documentação, pode servir como deminuto elemento para estudos mais largamente arcaboiçados. Estou em cuidar que, tarde ou cedo, esta raça de trabalhos de psychiatria applicada começará a ter entre nós mais largo cultivo. É estudando a arte malsana que se aprende a *vêr* a arte sádia. Vesada na observação detida do documento hospitalar, pictural ou escripto, e sabedora dos caractéres que uma dada vesania imprime a uma dada manifestação artistica, a critica, tornada um reagente de sensibilidade perfeita, accusará desde logo, na obra d'arte cotada, a minima pon-

tinha de degeneração. As viciações obedecem a typos constantes, e, para certas fórmas de loucura, são absolutamente caracteristicas. Na paranoia, a fórma *sine-delirio*, unica raça de loucura inteiramente compativel com a vida social, é bem mais vulgar do que se pensa. A mentalidade paranoica, com o seu colorido de anachronismo, de ausencia de critica, de egocentricidade, fórma o fundo incontestado de grande numero de talentos. É necessario, por conseguinte, ensinar á critica quaes as viciações caracteristicas que a paranoia imprime á obra d'arte, para que as saiba procurar, para que saiba observal-as, para que saiba distinguir, por exemplo, a originalidade sã do genio, da extravagancia poiética, manifestamente insana, do paranoico reformatorio. Ha casos de differenciação difficil e delicada, bem entendido: mas quem nos diz que um constante progresso de analyse e uma pesquiza constante da arte manicomial nos não permittirão amanhã, diante d'um quadro suspenso na cimálha d'um museu e a despeito das suas brilhantes qualidades de execução, diagnosticar a invalidade psychica do pintor? O caso é tanto mais interessante, quanto é certo que, muitas vezes, as viciações pathologicas, apenas sensiveis para o psychiatra, constituem exactamente, para o vulgo profano e para a critica leiga, as mais luminosas e impressivas qualidades da obra e a face por que ella mais se impõe. De resto, não é para extranhar o erro, dada a natural receptividade da grande maioria tarada das multidões para a extravagancia, para a monstruosidade, para o brilho todo exterior da arte que degenéra.

Só o criterio psychiatrico permitte á critica bem

armada o necessario destrinçamento. Convém dizer que vae n'essa differenciação a vida d'uma arte, e que é pela decadencia artistica que se mede o estado de dissolução d'uma raça ou d'um povo. No inicio das psychoses organicas são os sentimentos estheticos os primeiros que desapparecem. Em ponto grande, dá-se o mesmo nas raças: é pela arte que ellas principiam a morrer.

O remedio está na interferencia d'uma critica systematica, educada na familiaridade da baixa arte dos manicomios e da alta arte dos museus, erudita, bem armada e conhecedora das viciações que as psychonevroses, as cerebropathias e as degenerescencias psychicas imprimem a todo o genero de manifestações d'arte. É da fixação d'algumas d'essas viciações que se occupa o nosso trabalho. Mas antes de entrar no assumpto, faremos, em traços muito rapidos, a apresentação dos poetas e pintores de Rilhafolles sobre cujos documentos foram colhidas essas caracteristicas, ás vezes tão intimamente ligadas á symptomatologia das varias vesanias.

É claro que não faremos a historia pormenorisada de cada doente: limitar-nos-hemos a indicar as fontes e a marcar, nos dois traços d'uma rubrica, a physionomia de cada grupo documental.

IV

Apresentação dos artistas de Rilhafolles. — Dois casos de pintores-decoradores. — Torna-se a falar na edade d'oiro dos dementes paralyticos — O paranoico santeiro; suggestão dos gothicos das Janellas Verdes.—«S. Pedro Romano», «S. Joaquim», a «Ceia Apostolica». — Esboço d'uma academia: um mestre e um discipulo. — Tres epilepticos: evoca-se o Fado. — É apresentado um anachronico rebuscador de tombos, genealogias e heraldicas. — Caso interessante de paranoia originaria com floração de delirio erotico: Amadis de Gaula em Rilhafolles. — Os mosaicos d'um microcephalo. — Auto-biographia d'um louco moral. — Esterilidade do melancolico: o que diz da melancolia um rei «boo cavalgador de toda sella».

Entre os artistas de Rilhafolles, como já dissémos, predominam os incultos. D'ahi, a superioridade numerica dos loucos pintores sobre os loucos graphomanos. De resto, é entre os plasticos que se encontram alguns profissionaes: o alcoolico da obs. II e o demente paralytico da obs. I, eram pintores decoradores de certo merecimento. A documentação dos graphomanos é restricta: auto-biographias, cartas eroticas, folhetos reformatorios, jornaes e satyras hospitalares, interminaveis pedidos d'alta em verso e prosa, e varias obras completas de certos epilepticos e dementes paralyticos, cujo typo é a brochura manuscripta que dá pelo nome de «*Methodo das Principaes Hartes Universaes*» (Obs.

2

IV). Na documentação pictural d'este trabalho integramos as seis preciosas táboas que acompanham a monographia de Ales Hrdlicka e que se podem vêr no vol. LV, no. 3 do *American Journal of Insanity* (Janeiro, 1899). Uma d'ellas, a IV, devida a um paranoico do *Kings Park*, pintor a fresco e decorador, é valiosissima como documento das tendencias archi-symbolicas d'esta raça de vesanicos. As outras, inferiores como execução e como expressão de viacições caracteristicas, não deixam, em todo o caso, de ter interesse psychiátrico.

Vamos agora á apresentação dos nossos artistas.

I. — A. G., 3o annos. Pintor decorador. Eurycephalo. Indice cephalico : 78,2 (15,8 — 20.2). Orelhas de lobulo adherente ; disposição anómala das raizes da *crura furcata* (typo Stahl). Pupillas eguaes, myoticas, não se movendo á accomodação e movendo-se á luz. Convulsões fibrilláres ligeiras nos labios e massetéres. Tremor episodico das extremidades. Embaraço da palavra. Nivel intellectual bastante descido. Insufficiencia ethica e esthetica. Amnésia. Preso varias vezes por attentados publicos ao pudor. Entrada para Rilhafolles em 1894. Diagnostico : demencia paralytica (?) — Curso de artes decorativas em Paris. Trazia os quadros debaixo do braço, mostrava-os a quem quer que fosse, e pedia, á queima roupa, dez tostões emprestados. Era a fórmula classica do *encosto*. Agarrava se na rua, violentamente, ás mulheres, forçando-as a acompanhal-o. Hyperesthesia sexual expréssa nos proprios motivos picturaes. Mais tarde, floração de um delirio de grandezas de colorido inventorio, perfeitamente documentado n'um folheto de sua lavra que consegui obter e no graphico de um dos seus inventos, o «motor electrico de vácuo», que existe na collecção de Rilhafolles. O folheto intitula-se : *As mulheres desmascaradas, estudo do natural por A. G., o qual demonstra que o es-*

pirito tem uma mechanica especial á qual obedece e de que o corpo é o mais fiel interprete. A sua publicação data de 1886. É um apontoado de incoherencias, em que o doente, do alto d'uma charra erudição que sôa a prata falsa, se arroga, como grande philosopho, a descoberta de certo *instincto magnetico psychologico das femeas, a qual constitue*, escreve o auctor, *uma das maiores descobertas d'este século* (pag. 18). A historia d'este folheto está, de resto, ligada a um desastre conjugal. — Mas o que especialmente nos interessa, no doente, é a parte pictural da documentação. A. G., que era, segundo informações colhidas, um mediocre pintor decorador, quasi improductivo, desentranhou-se, com os pródromos da périencephalite, n'um nunca acabar de figuras decorativas, de motivos ornamentaes, de projectos de fontes e piscinas, tudo dado em bellas *gouaches*, cujas principaes caracteristicas são a riqueza poiética, o colorido sensual da creação, a exhuberancia imaginativa, a feição sempre nova e sempre imprevista dos motivos. O inicio da cerebropathia é, muitas vezes, a edade d'oiro do paralytico artista, — o que se não déve extranhar dada, no periodo de excitação da paralysia, a maior intensidade na reproducção das representações e, por conseguinte, o accrescimo de força imaginativa. Mas, observando mais cuidadosamente os documentos do doente, não tardamos em descobrir a nota vesanica a par d'esse falso brilho e d'essa notavel riqueza poiética. De feito, o instincto da academia perde-se; as proporções desapparecem: a figura humana toma um ar caricatural. O motivo decorativo torna-se grotesco, *baroque*, quasi monstruoso por fragmentos, conservando-se rico mas relativamente puro no resto da obra: d'ahi o desequilibrio que logo á primeira vista fére o observador. O documento ganha em riqueza imaginativa o que perde em valor esthetico absoluto. Outro facto que desde logo impressiona na observação superficial é a insistencia do doente sobre os mesmos motivos: trechos de fontes ornamentaes, nús mythicos, figuras semicápras, brutescos, mascarões, gárgulas. Esta insistencia pare-

ce-me propria de todo o vesanico. — Ultimamente, o nosso paralytico já nada produz. Grande indifferença. Inteira derrocada dos sentimentos estheticos. *Lapsus memoriae* : d'algumas *gouaches* que lhe mostro já não se lembra de que foi elle o auctor.

II. — J. M., 35 annos. Pintor decorador. Temperamento nervoso. Constituição forte. Indice cephalico 74,4 (14,8—19,9). Orelhas de lobulo adherente. Grande desegualdade da face: lado esquerdo muito mais volumoso do que o direito. Grande reintrancia naso-frontal — Á entrada para Rilhafolles, esboço de idéas de perseguição, preoccupações hypocondriacas : está pôdre por dentro, etc. Confissão de habitos alcoolicos e de excessos masturbatorios. Idéas de suicidio. Tentativa de precipitação de logar elevado (janeiro, 1900); tinha na algibeira um papel onde se lia «*aquelles que eu suppuz serem-me caros foram os meus traidores. Resignem-se agora.*» Diagnostico : loucura alcoolica. — Não consegui obter os antecedentes artisticos do doente. Os documentos que deixou, largos estudos a pastél, são, apesar d'uma certa dureza, excellentemente executados. Sente-se ali o artista, o profissional. A maior parte dos pastéis está inacabada. Pela sua natureza especial pouco interessam ao psychiátra. São paysagens e marinhas, realisadas com um inteiro conhecimento da technica, d'uma feitura paciente, e onde a custo se enxérga a nota vesanica. Um d'elles, de execução manicomial, já é mais eloquente: uma grande arvore nua, tronco torso e rugoso, esbracejando n'um céu doirado de sol e prenhe de pastadas rôxas. Semelhante estudo, evidentemente feito de cór, trahe uma manifesta monstruosidade. A imaginação que produziu esse tronco brutal, esbrazeado e torcido, é bem a imaginação d'um louco. — Ao cabo d'um periodo de improducção, o doente sáe, no mesmo estado.

III. — F. A. d'A., 28 annos. Cocheiro. Indice cephalico 78,0 (14,9—19,1). Platicephalo. Lobulos da orelha adherentes; helix desdobrada. Nariz inclinado,

«S. Pedro Romano»,
composição do paranoico F. A. d'A. (Obs. III)

de bordo irregular: perfil seguindo o da fronte, sem reintrancia. Abobada palatina ogival. Osso transversal do craneo fortemente convergente, de maneira que a parte superior faz um angulo, pouco mais de recto, com os ramos lateraes. — Reservado, evidentemente dissimulador. Allucinações do ouvido. Esboço de idéas persecutorias em periodo de pré-systematisação. Suppostas perseguições, lá fóra, levando-o a aggressões. Condemnado a quatro mezes de Limoeiro por ferimentos. Em Rilhafolles teve uma balano posthite que suppoz venéreo inoculado por um creado: d'ahi, aggressão. — Diagnostico: paranoia primitiva com delirio de perseguições. — Foi só depois de internado em Rilhafolles que se manifestáram as tendencias artisticas do doente. Essa floração, devida por certo á intimidade do epileptico P. R., seu mestre (obs. IV) começou bruscamente por umas largas composições de caracter religioso, sobre tudo figuras de santos e scenas do Novo Testamento. Entre as mais interessantes apparecem-nos um *S. Pedro Romano*, uma *Ceia apostolica*, um *S. Lucas* e um *S. Joaquim*. Pela primitividade das attitudes e das perspectivas, pela indole mystica dos motivos, pelo excessivo culto das roupas, sempre exauradas e sempre anachronicas, pelo ar convencional e velhorro dos movimentos e dos gestos, pelo caracter geral da composição, emfim, as pinturas do nosso paranoico suggerem, ainda que longiquamente, alguns gothicos peores das Janellas Verdes. A semelhança chega a ser ás vezes tão flagrante, que essas figuras de santo, apesar de inegavelmente originaes, parecem á primeira vista copias dos «primitivos». Tanto mais essa idéa nos acode, quanto é certo que ha nas tentativas do doente um forte instincto da composição, da côr e da attitude, verdadeiramente extraordinario tratando-se d'um louco sem anterior cultivo. O caracter de primitividade não vem, por conseguinte, do tosco das figurações; mesmo porque, n'esse caso, todas as figuras creadas pelo louco não artista nos lembrariam a primitividade dos gothicos. Ha, necessariamente, mais alguma coisa nas pinturas do paranoico

que nos occupa, e essa alguma coisa poderia, se quizessemos theorisar, lançar-se á conta da propria paranoia, como expressão d'um forte anachronismo. Outra coisa a notar é a independencia pouco vulgar entre as tentativas picturaes do doente e o contheudo das suas idéas delirantes, facto talvez devido ao estado de présysthematisação d'essas idéas. — Uma nota curiosa: os documentos do nosso «primitivo» teem, todos elles, assignaturas e offertorios charros do epileptico P. R., graphomano e borrador incorregivel, que d'elles dispõe a bom talante, como feitura sua. D'ahi, a natural confusão que á primeira vista póde existir entre a documentação d'um e d'outro.

IV. — J. P. R, 40 annos. Professor de instrucção primaria em Montemór-o-Velho. Acrocephalo. Vesgo do olho direito. Formidavel avanço do maxillar inferior. Extracto dos documentos de admissão: monomania incendiaria, obscenidades, aggressão. Pretende uma cadeira para reger. Estado demencial. Ataques epilepticos frequentes: o caracter muda então, de todo em todo; torna-se silencioso, desconfiado, irritavel; o rosto apresenta-se turgido. Luxação do maxillar inferior, por duas vezes: reduções difficeis. Diagnostico: loucura epileptica. —Grande somma de documentos, ao mesmo tempo picturaes e escriptos. Em todos elles, a expressão d'um profundo estado crepuscular. Feitio hypocrita; geitos de tartufo; mimica grotesca. Motivos documentaes quasi sempre religiosos: altares com sacrarios, tocheiros e cruzes, conseguidos pela abusiva collagem de papel doirado; ás margens, figuras estupendas, mulheres esmamaçadas, veronicas, vasos d'oiro, animaes fabulosos, e no verso, escripto em latim lazerado, o *Tantum ergo*. Uma das suas composições mais interessantes é o *Dia de Natal*: a Virgem, de uberes á mostra, um jumento evangélico, ao alto uma grande mascara de papel doirado figurando o sol, e nos baixos, em chão verde, tres pastores de cabras com estes dizeres: «*Vamos vêr o menino de S. José e Nossa Senhora, ho rapaseko! Sim, que é Jesus, filho de*

Nosso pae Icterno? A Belem e mostremos-lhe o gado.» Este documento dá bem a medida do estado crepuscular do doente. Escusado dizer que, pelo lado pictural, como execução, o valor é nullo. Observação curiosa: todas as cabeças humanas que o doente figura, todas as suas veronicas, são volumosas na face e acanhadas no craneo, parecendo, d'um modo canhêstro, é claro, reproduzir-lhe a estygmatisação somatica. Mas a principal obra d'este curioso epileptico é uma brochura manuscripta, illuminada pelo proprio doente, e que dá pelo nome de «Methodo das Princypaes Hartes Universaes». É, como o titulo indica, um tratado das varias artes e officios, começando pelos trabalhos da lavoura e terminando pela «harte barbeiral». O doente, como já dissémos, pretende uma cadeira para reger e quer que esta e outras obras de sua lavra sejam adoptadas nas escólas. De vez em quando escreve ao rei de Italia pedindo a adopção dos seus livros nas escólas primarias italianas. —Ultimamente tem insistido nos motivos liturgicos, na figuração d'objectos do culto externo, com as mesmas abusivas collagens de papel doirado, pejando largos cartões que envia depois, em offertorios cheios de deminuitivos melosos, *«ao seu amado Dyrector que o curou dos accidentesinhos epylepticos* (sic).»

V. — C. A. das N., 20 annos. Asylado. Indice cephalico 76, 0 (14,6—19,2). Fronte fugidia. Abobada palatina funda. Por varias vezes, a fulguração sagrada. Aggressões aos empregados. Tentativas de evasão. Diagnostico: loucura epileptica —Documentação pictural unicamente curiosa pela insistencia nos mesmos motivos — figuras aladas, objectos domesticos vulgares, animaes repugnantes — e pela impropriedade na distribuição da côr, dando em resultado uma perfeita cacochromia: bois verdes, osgas vermelhas... De quando em quando, figurações symbolicas incomprehensiveis, que o doente se nega a explicar. Estado demencial.

VI. — J. A., (o caldeireiro), 22 annos. Acrocephalo.

Indice cephalico 77,0 (13,7 — 17,8). Craneo ogival. Fronte estreita. Pelada. Paludismo: splenomegalia. Gagueira. Mãe alienada. Fulguração não observada mas accusada pelo doente. Nivel intellectual baixo. Feitio epileptico: «vossa excellentissima, vossa reverendissima...» Reclusão penitenciaria. Diagnostico: loucura epileptica. — Documentos curiosissimos. Versos escriptos á feição de prosa, n'uma ortographia detestavel porque o doente é um inculto, palavras separadas por pontos, abuso de maiusculas. Reduzindo alguns d'esses manuscriptos a uma fórma legivel enxergam-se alguns conceitos poéticos que vale a pena trasladar, e tanto mais interessantes quanto é certo tratar-se d'um degenerado quasi analphabeto, que deve as suas unicas luzes á educação penitenciaria:

— 4 —
Vem. o vento?
levanta. Afôlha.
Na.cepoltura?vãe.
caer. vem.Alto?
é o Seo. Mas niguem
lá. póde. Subir?
Dizem. qui o. Seo.
é báechinho? Mas.
niguem.lá. póde.
Chigár? En.dá Não

«Vem vento, levanta a folha,
Na sepultura vae cahir;
Bem alto é céu mas ninguem
Lá póde subir.»

«Dizem que o céu é baixinho
Ninguem lá pode chegar:
Inda não houve dinheiro
Para o comprar.»

«Um dia subi ao freixo,
Quebrei um galho e cahi:
É a minha condição...
Nunca mais alto subi.»

«Ha gente que quer ser sabia
E traz o saber guardado;
Mas não houve quem soubesse
Como o homem foi gerado.»

O sol nasce no nascente
E ao poente se vae pôr:
Entra logo n'um sacrario
Onde está nosso Senhor.»

Estes versos, assim tornados legiveis, são d'um intenso sabor popular e traduzem conceitos liricos que muitos poetas cultos não desdenhariam. Ha n'elles um largo instincto do rythmo. É bem a mesma poesia que, entre faiantes, criminosos-natos e *chloris de cachimbo*, arranhando a bânzara nas velhas baiucas, produziu um dia esse eterno e precioso Fado!

VII — F. O. e V., 54 annos. Formado em mathematica pela Universidade de Coimbra (?). Entrada para Rilhafolles em 1872 e sahida, no mesmo estado, em 1894. A papeleta nada refére sobre antecedentes hereditarios e sobre estygmatisação somatica. Diagnostico: paranoia primitiva com delirio de grandezas. — Delirio por assim dizer nobiliarchico. Deixou-nos, n'uma preciosa documentação pictural e escripta, a historia do seu systema delirante. O que mais interessante nos parece, n'essa documentação, é a feição quasi exclusivamente heraldica das idéas do doente. Desfia a sua historia genealogica que remonta á dynastia dos Pharaós e illumina-a pela figuração heraldica. No topo das folhas em que escreve pinta, á feição de timbre, tres flôres de liz em campo azul. Elle mesmo descreve esse timbre: «... *a esphéra o Universo corada de azul celeste com as tres flôres de liz d'ouro chama-se frança real e imperial... O coxim da corôa he rematado de flôres de*

liz d'ouro de menor altura do que um terço do raio correspondendo as competentes quatro em cada uma das generatrizes quer orthogonaes quer obliquas...» A geometria posta, como se vê, ao serviço da heraldica. Perguntado sobre os motivos que o levavam a usar as armas de França, responde: «... *uso-as em virtude de eu representar os direitos e Acções de meu pae Luiz XVII, que os testou todos a meu favor...»* E mais ádiante: «*Outras representações ainda possuo de François de Valoys, duque de Alençon, que é a equivalencia primeira e principal das armas de França...*» Quando a documentação historica fallece e para que não haja duvidas sobre a authenticidade dos seus direitos ao uso de tal ou tal symbolo heraldico, recorre á resolução pelo calculo da fórma geometrica dos escudos. Mas o que sobre tudo nos interessa, n'este paranoico, é a exteriorisação pictural do seu systema. Os seus manuscriptos estão semeados de figurações incomprehensiveis e extravagantes, sereias de seios inverosimeis e caudas escamosas, brazões d'armas atropellando toda a heraldica, divisas em latim: «*Nec Pluribus Impar*», «*Ascendo, non Descendo*»,—esphéras constelladas, corôas reaes fechadas com figuras allegoricas no topo das cruzes, «*os santos patriarchas segurando com uma das mãos o escudo brazonado e com a outra a lyra d'ouro...*», monstros heraldicos de escamas verdes, uma multidão, emfim, de expressões nobiliarchicas figuradas, que são, por assim dizer, a materialisação do systema delirante do nosso paranoico. Á tendencia para o symbolo, já de si caracteristica da paranoia, sobrepõe-se, n'este curiosissimo caso, a feição heraldica e por conseguinte archi-symbolica do contheúdo das idéas delirantes. O doente era um megalomano grave, um megalomano erudito. As suas idéas de grandeza limitavam-se a locubrações genealogicas e á feitura de symbolos nobiliarchicos. No hospital, durante o seu internato, não tomava attitudes theatraes nem fazia exhibições decorativas: não apresentava a espectaculosidade de tantos outros delirantes ambiciosos (caso Barreirinha). Ás

vezes, levado pela sua tendencia heraldica a descrever pédras d'armas que existiriam sobre os portaes de moradas suas, mette-se pela architectura. Falando de certo palacio da rua do Bispo (Funchal) classifica-o de «*ordem lusa, caracterisada pelos lusangos* (sic) *que ornam as bases das columnas*.» Descrevendo a casa de Colombo e figurando-a, diz: «... *mostra a figura que o edificio é de ordem corynthia caracterisada pelos seus destinctivos, as folhas de acantho*...» Tudo aproveita e em tudo encontra relações com o seu systema delirante (caracter egocentrico): uma inscripção, um portal, um documento lido algures n'um tombo. De resto, coisa relativamente rara, não se defendia. «*É um espirito muito simples*, escreve o prof. Bombarda n'uma nota da papeleta, *que communica ao primeiro que appareça a larga somma das suas idéas gradiosas*.» A nota mais repetida em todos os docementos é a da pretenção á corôa de França. Julga-se filho de Luiz XVII. A certa altura abre um parenthesis no seu delirio para fazer a historia das suas dentições.

VIII. — L. M. e L., 20 annos. Indice cephalico 78,9 (14,2–18,0). Craneo asymetrico. Orelhas em ansa. Delirio polymorpho de degenerado: grande poeta, grande musico, etc. Saudações lembrando o tic de Salaam. Pae alcoolico e suicida. Mãe hysterica. Condemnação por furto. Diagnostico: paranoia primitiva com delirio de grandezas. — O doente deixou um manuscripto devéras curioso que, ao menos pelo lado graphico, muito interessa ao psychiatra. Cada folha abre ao topo por dois ou tres versos, de natureza evidentemente lirica, mas incompletos, incoherentes, sem métrica e ás vezes illegiveis:

> «Rasga o peito pomba celeste,
> Pomba bella no brilho...
> Pomba que foste bella,
> Soffre ....»

As alitterações e as insistencias são vulgares. D'ahi

até aos baixos da pagina o doente compraz-se na repetição das mesmas palavras em varios typos de lettra, floreando e illuminando as capitaes, e mettendo de permeio figurações symbolicas. Estas viciações são absolutamente caracteristicas do documento escripto de todo o paranoico.

IX. — L. d'A. P., 34 annos. Microcephalia. Avó materna: accidentes nervosos. Uma collateral beata. O doente, segundo informações da mãe, fugia de casa e passava a vida nas egrejas. Diagnostico: idiotismo. — Grandes desenhos lineares, formados de elementos ordenados symetricamente, dando a impressão de mosaico, e que o doente executa só pelo prazer de colorir. Algumas d'essas extranhas figurações geometricas, séries de rectangulos, losangos e trapézios diversamente dispostos, são, segundo o dizer do nosso microcephalo, salões, praias e prédios. Fórte chromophilia.

X. — A. P. D., 55 annos. Indice cephalico 76,7 (14,3–18,7). Orelhas mal modeladas, sobre tudo a direita, e asymetricas (typo Blainville). Herança do lado materno. Idéas de perseguição systematisadas. Interpretação falsa de factos mesmo insignificantes. Illusões varias. Reserva. Diagnostico: paranoia primitiva com delirio de perseguições. — Exteriorisação do systema pelo documento escripto. Graphica vertiginosa. Figurações symbolicas substituindo ás vezes as palavras. Abuso de italicos, de paragraphos. Mudança constante do typo de lettra; locuções repetidas; impropriedade de pontuação; dysphrásia. Interpretação egocentrica de todos os factos. Vocabulos inglezes, francezes, portuguezes, allemães: confusão syntaxica. (Veja-se o autographo da pag. seguinte).

XI. — A. P. C., 54 annos. Indice cephalico 78,6 (14,4–18,3). Face asymétrica. Abobada palatina funda. Tremores fibrillares ataxiformes da lingoa, labios, massetéres. Tremulação das mãos. Complexidade de fórmas delirantes succedendo-se por largo

tempo sem qualquer fio de ligação logica. Delirio esboçado desde a infancia, desenvolvendo-se na puberdade. Allucinações visuaes referentes a essa epocha: visão *«d'um anjo de rosto nobre e formoso, ca-*

J'ai l'honneur de me
soussigner Votre Tres Humble
Guilhaume de la Verdagge
Lisbonne 2me Aout
1899.

P. S.
Je Maintien Tous Les Droits
Dieu et Mon Droit!
(ou Notre Droit)
Honte a tout a qui Mal y
Pense! Soyons Unis! (A União
faz a Força) Um por Todos!
e
Todos por Um!
Dum Spiro Spero [illegible]! Spes
Unica!

In Hoc Signo Vinces

bellos longos e esparsos, vestido talar côr de rosa» apparecendo por detraz *«d'uma amendoeira florida e jocunda, da coma ao tronco»*. Mais tarde (1881) tinha o doente 38 annos, irrompe a paranoia persecutoria. Tres annos depois, ecclosão d'um delirio inventorio: suppõe ter descoberto a direcção dos balões; espalha pelas taceiras dos livreiros projectos e graphicos. Finalmente (1891) apparecem idéas eroticas. O «anjo da amendoeira» resurge, mas d'esta vez o doente reconhece-o: é a Rainha. O delirio fixa-se, systematisa-se. Escreve á Rainha; ameaça o Rei. Apprehensão de cartas; prisão; reclusão hospi-

talar. O doente defende-se, dissimula, nega: mais depressa, uma carta sequestrada dá a chave do delirio. Diagnostico: paranoia originaria com delirio ambicioso de colorido erotico; episodicamente, idéas de perseguição e idéas inventorias.—O presente caso deu margem a um bello estudo do professor Bombarda sobre essa fórma degenerativa ha annos fixada por Sander. É pelos traslados d'esse excellente estudo que eu conheço dois folhetos feitos publicar pelo doente. O primeiro intitula-se: «*O meu pacto com o diabo ou a primeira metade*»; o segundo: «*O meu anjo redemptor ou a outra metade*». Parecem succeder-se nos folhetos, nota o meu illustre méstre, as duas fórmas de perseguição e de grandeza do delirio chronico de gerente, a primeira correspondendo ao periodo que vae desde 1880 a 90 e a segunda ao periodo que decorre desde 90 até hoje. A notar, no primeiro folheto, a indole especial e por assim dizer mediéva do delirio persecutorio: idéas demoniacas, pactos com o diabo, etc. O segundo folheto, esse, é por asssim dizer a integração da figura da Rainha no symbolo adolescente do «anjo da amendoeira». Estes documentos são realmente muito interessantes. Grande poder imaginativo. Qualidades litterarias dignas de nota. Tendencias symbolicas. Erro egocentrico. Certos effeitos poiéticos, certos descriptivos, são talvez a expressão de illusões sensoriaes. Palavras sublinhadas, justamente as que o doente mais valorisa: «amendoeira», «poço», «formulas», «golgotha»... O colorido erotico das suas idéas ambiciosas está expresso n'um grande numero de cartas, que constituem uma documentação excepcionalmente rica. As ultimas, muito posteriores ao já referido estudo do prof. Bombarda, espiritualisam, bysantinisam ainda mais as suas relações com a R.: tuteando-a ainda, trata-a agora de «irmã». Refunde a sua memoria sobre o balão dirigivel e envia-lh'a (Janeiro, 1900) acompanhada d'uma carta onde se lêem os seguintes periodos: «*D'esta preciosissima joia, que por sua valia e belleza constitue a maior maravilha do mundo, faço-te eu, de joelhos, propriedade absoluta e*

perpétua, a ti, minha excelsa soberana...» E mais adiante: «*Eis, minha santa e querida irmã, o mimo que, por minhas mãos, Deus te offerece...*» Por ultimo, empraza a R. para Paris e despede-se «*até á gloria*». N'esta carta dá como «*restaurado o balão, causa innocente de um grande martyrio e da mais formidavel revolução que se tem feito na terra...*» As idéas eroticas, inventorias e de perseguição, fixam-se, intégram-se e systematisam-se n'um delirio unico, completando-se e explicando-se reciprocamente.

XII. — A. P. de L., 21 annos. Escripturario de fazenda. Indice cephalico 76,2 (14,4–18,9). Orelha direita mal modelada: asymetria. Rebordos orbitarios salientes. Craneo alongado e acuminado no extremo occipital. Estrabismo divergente. Estreitamento do campo visual. Meia anesthesia nos ultimos segmentos do membro inferior. Vestigios de lymphatismo. Perturbações vaso-motrizes tendo a sua principal séde na extremidade cephálica: facil congestionamento da face. Preso por subtracção fraudulenta. Um passado de vagabundagem, de excessos sexuaes, de ociosidade. Ataques epileptoides. É discursador, balofo, egoista, d'uma «infatuação meio imbecil». Diagnostico: loucura moral. Este caso deu ao illustre prof. Bombarda um dos seus estudos medico-legaes. — Encontro na documentação do doente um manuscripto de «Pensamentos», forgicado n'uma linguagem de colorido archi-rhetorico, pastosa, empolada, prenhe de vélhas allegorias «... *a bandeira da honra cahindo na lama dos vicios*», «*o templo da innocencia*», «*...em lettras d'oiro os segredos de Orpheu*», etc. De repente descamba na escurrilidade, para de novo se erguer em lastimas e imprecações contra «*a mulher vaidosa que o levou ás trevas da deshonra...*» Palavras de penitencia, sentimentalidades declamatorias, versos de permeio, e de vez em quando um certo ar dogmatico: «*Sabei! nem a mulher nem o ouro constituem a felicidade do coração humano*». De espaço a espaço, como nos escriptos do pa-

ranoico, figurações symbolicas substituindo as palavras. Mudança vulgar do typo de lettra. Abuso de capitulos.

Mas basta por aqui. São estes os pintores e os poetas de Rilhafolles. O que resta na collecção do museu é pouco: versos de varios perseguidos penitenciarios, auto-biographias, manuscriptos quasi illegiveis de exaltados e de dementes paralyticos, — documentos de menos valor para o psychiátra e onde se repetem, até ao infinito, algumas das viciações que já fartamente se colhem na documentação apresentada.

Mais ou menos, todas as fórmas de loucura concorreram com um interessante caso para o nosso estudo. Uma só se conservou e se conservará absolutamente esteril em face a toda a raça de solicitação d'arte: a melancolia. Desde a ecclosão da sua dôr d'alma o phrenalgico morreu para tudo, — porque tem a *dôr de tudo.* A lentidão dos processos psychicos e a dyesthésia dão-lhe o golpe de misericordia. Cabem á melancolia-psychose as palavas do nosso rei D. Duarte, no «*Leal Conselheiro*», sobre a melancolia-temperamento: os doentes «*só cuidam das coisas tristes, d'avorrecymento de si, d'outrem, com desesperaçom de todo bem e grande suspeita dos males nom requeridos, semelhando por sua frieldade e seccura, a terra secca d'agoas, quefruito bom e proveitoso nom pode gerar*».

V

Fixação d'algumas viciações vesanicas. — «Anachronismo e regressão.» — O paranoico é um antepassado de si proprio. — Os santeiros, os illuministas, os eroticos. — Palmeirins de Inglaterra dos manicomios.—Regressão sádia e regressão pathologica: préraphaelitas, bysantinos, primitivos.—Garrett e o Frei Luiz. — «Symbolismo e allegoria». — «Marcas e chrismas». — Um pintor decorador do «Kings Park». — Pintura symbolica e retratos com fundos d'oiro. — O symbolismo dos nephelibatas. — «Symetria». —«Chromophilia». — O microcephalo dos mosaicos. — Cacochromia. — Abuso d'oiro: mitras auriphrigiadas, pannejamentos exaurados. — Mascaras de santos e de bispos. — «Auto-reproducção somatica». — Uma anecdota de Rilhafolles. — «Onomatopoiése e neologismo. — Insufficiencia do vocabulario primitivo na paranoia. — Erros sensoriaes e onomatopoièse. — O calão, a «giria dos malandros». — Calão no seculo XVIII —«Incoherencia»— Os documentos escriptos do maniaco, do paralytico geral e do paranoico. —A idiotia intellectual e os nossos «poetae minores». — Versos d'um symbolista incoherente. — «Erro egocentrico». — «Viciações epilepticas.» — Uma nevrose a que se véste o pontifical do genio.

Da larga somma de documentos de Rilhafolles cuja physionomia vem de ser almagrada em dois traços rapidos, resultam certas viciações por assim dizer caracteristicas, variaveis com as varias formas de loucura, mas constantes para cada fórma. A sua fixação muito importa sob o ponto de vista psychiátrico e, como já dissémos, sob o ponto de vista da critica geral. As manifestações da arte san-

dia são, ás vezes, ricos elementos de diagnose. No caso especial e não raro do artista louco, o estudo comparativo do documento anterior e posterior á floração da vesania póde fornecer, para o prognostico, dados preciosos. No que toca á critica geral, já vimos, n'um dos capitulos antecedentes, quanto lhe aproveita o museu dos manicomios.

É preciso, por conseguinte, fixar as caracteristicas da arte do louco, estudando-as, tanto quanto possivel, nas suas relações com as diversas fórmas de loucura. Os documentos apresentados permittem-nos a fixação d'algumas d'essas caracteristicas, — que, de resto, já teriam sido entrevistas nas poucas palavras consagradas a cada caso apresentado. É, portanto, das viciações imprimidas ao documento escripto ou pictural e particularmente á obra d'arte pela ecclosão das varias psychoses organicas ou funccionaes, — d'aquillo a que n'outras palavras se poderá chamar «a nota vesanica», — que vamos tratar n'este capitulo.

A) **Anachronismo. Regressão.** — Começaremos pelas caracteristicas — *anachronismo* e *regressão*. Segundo o conceito dos psychiátras italianos, o paranoico é, intellectualmente, a resurreição de velhos typos ancestraes da especie. É, permitta-se-nos a expressão, um antepassado de si mesmo. No cerebro do paranoico, syttematisações antigas, archaicas, por assim dizer archeologicas fariam hernia atravéz as novas systematisações superficiaes e frageis, filhas d'uma certa unctura educativa. Dar-se-hia, nada menos, do que a resurreição parcial d'um *ego* ancestral. Sub-personalidades anachronicas, herniariam atravéz a ultima personalidade, mal fixada

e caduca. Os archeologicos e fundamentaes sentimentos de defeza e de conquista, vindos de estratificações profundas, romperiam as frageis estratificações superficiaes, resurgindo n'uma creatura de hoje sob a forma insana d'um delirio de perseguições ou de grandezas. A feição perfeitamente fossil do paranoico torna-o um anachronico em face ás idéas do seu tempo e marca com o sello do archaismo todos os productos da sua cerebração doente. D'ahi, o caracter de regressão ideativa e plastica dos documentos d'arte que nos offerece a paranoia. Dentro das suas tendencias estheticas, os paranoicos são uns «primitivos». A predilecção pelas composições de caracter religioso, pela figuração de objectos liturgicos, pelas fórmas mais ou menos brilhantes e coloridas do culto externo, tão nitida nos documentos de Rilhafolles (obs. III) apparece-nos como expressão viva do seu «atavismo intellectual». Os delirios nobiliarchicos de certos paranoicos que passam a vida a miniaturisar heraldicas (obs. VII) traduzem por egual um forte anachronismo. E o que são os erotomanos, com o seu illuminado amor pelas rainhas e princezas, com os seus raptos imaginarios, com o endeusamento da creatura amada arrastando brocados e resplandecendo de joias (obs. XI) senão a resurreição archeologica e empoeirada do velho amor dos livros de cavallarias? O que são esses pobres paranoicos eroticos, senão «Palmeirins d'Inglaterra» dos manicomios?

Ora o conceito anthropologico da paranoia abre largos horisontes á critica e philosophia da arte. Certas fórmas de «regressão» podem ser consideradas como reveladoras d'um fundo de mentalidade paranoica. Para se ser paranoico não é indispensa-

vel fabricar um delirio systematisado. A paranoia *sine-delirio*, a paranoia indifferente, anda ahi, por fóra dos manicomios, escondida debaixo da mascara luminosa do decadentismo, e não raro a vemos sob o resplendor da consagração. Claro está, porém, que nem todo o genero de desvios regressivos se pode qualificar de degenerescencia. É ocioso insistir. A regressão proposital, a regressão erudita, a regressão por necessidade d'arte, não tem nada de pathologico. Um pintor que executa um quadro historico com todo o escrupulo d'uma reconstrução archeologica, eruditamente, com uma realisação perfeita, segundo os progressos da technica moderna e da critica historica, não é, bem entendido, um vesanico. Por ter feito o Frei Luiz de Sousa não vamos diagnosticar de paranoica a mentalidade de Garrett. Mas é paranoico o pré-raphaelita, por exemplo, que dentro da pintura, como processo, como realisação, como technica, executa como executaria um «primitivo»; é paranoico o decadente, que tendo recebido a moderna educação das academias, faz quadros sem perspectiva, sem proporções na figura humana, anachronicos na visão e no processo como um gothico das Janellas Verdes; é paranoico o bysantino, primitivo «malgré lui», que não sabe nem pode crear figuras na téla sem lhes dar roupagens hirtas, boticellianas, ricas d'oiro e de pedrarias, mas inteiramente vasias de corpos. A verdadeira caracteristica da regressão paranoica não é a escolha do motivo obsoleto; é o anachronismo da maneira, da intenção, do processo, da technica, o recúo da visão esthetica, do sentimento da côr e do sentimento da fórma, todo esse ar de manifesta primitividade que faz regressar de muitos séculos a arte.

«A Ceia apostolica», composição do paranoico F. A. d'A. (Obs. III)

A par do retrocesso por assim dizer plastico e executorio, está a regressão ideogenica expressa no proprio anachronismo da idéa.

B.) **Symbolismo. Allegoria.** — O caracter symbolico, tão commum na documentação escripta e pictural do paranoico, é ainda um caracter de procedencia atavica. Essa enraizada tendencia á figuração de conceitos abstractos encontra-se, nas classes baixas, perfeitamente expressa nas *chrismas* e *marcas* da tatuagem vulgar. O paranoico que fabríca, «episodicamente» segundo o conceito italiano, um delirio systematisado persecutorio ou expansivo e tende a exteriorisar o seu systema, dá sempre ou quasi sempre um caracter symbolico a essa exteriorisação (obs. VII e XI). Muitos paranoicos e alguns loucos moraes, nos seus documentos escriptos, substituem as palavras por figurações symbolicas (obs. VIII, X, XII). O symbolismo, quasi inseparavel da mentalidade paranoica, é uma caracteristica de invalidade psychica. No artigo já citado do psychiátra de Baltimore vem inserto um documento pictural (pr. IV) de grande riqueza sob o ponto de vista symbolico. Esse desenho pertence a um paranoico do *Kings Park*, que antes da floração da sua psychose era pintor a fresco e decorador. Incoherencia, mysticismo, e um nunca acabar de symbolos e allegorias significando refutações mathematicas e metaphysicas. Em dados casos, á tendencia para o symbolo, já caracteristica do paranoico, sobrepõe-se a feição symbolica do contheúdo das suas idéas delirantes. É o caso do megalomano da obs. VII, levado pelo seu delirio nobiliarchico ás figurações da heraldica, que já de si são archi-symbolicas. Quando

as artes regressam, o caracter symbolico marca, junto ao anachronismo e á chromophilia, o começo do recúo degenerativo. Entre os nossos pintores, na arte cotada, ha um que pela farça dos processos contacta ás vezes com a arte do louco. No gremio de 1895 expunha um quadro, *pastiche* dos pré-raphaelismos de Millais, figuras symbolicas, esguias, pastadas de branco de prata, sem anatomia, sem desenho, atravessando os nevoeiros d'um pinhal. No grémio de 1897 expunha uma cabeça de mulher sobre fundo d'oiro. Na litteratura, eguaes tendencias para a chromophilia e para o symbolo. O nephelibata é essencialmente colorista e symbolista. Alguns versos, colhidos ao acaso na obra de dois decadentes, dão a medida d'essas tendencias:

«O meu Enthusiasmo é um tysico a morrer,
Sem noiva, sem parentes,
Uma morte n'um berço, um paço real a arder...»

Ó tulipa de luar em vaso d'oiro aberta...»

«O meu Orgulho, um grande orgulho que em meu peito
É um diadema na cabeça d'um pastor...»

A procura constante da allegoria e do symbolo na pintura das emoções e dos estados d'alma caracterisa a lirica da Dissolução, ás vezes tão rica e tão colorida que parece um desfilar de pedras preciosas.

C) **Symetria.** — Ordinariamente, o idiota e o epíleptico teem a velleidade da symetria. A symetria é a expressão d'uma archi-primitividade, d'uma grande miséria poiética. Encontrado um traço elementar, um motivo, esse traço ou esse motivo repetem-se, multiplicam-se e fórma-se a figura symé-

trica. Quanto mais baixa, mais rasteira, mais pobre é a mentalidade do paciente, tanto mais pronunciada é a sua tendencia para a symetria. É um signal paradoxal, mas caracteristico. E comprehende-se bem, notando que o mental infimo é aquelle em que ha, simultaneamente, maior pobresa de execução (inhabilidade) e maior pobresa de creação (multiplicação symétrica). Foi o que eu pude observar, entre outros, nos documentos de dois epilepticos (obs. IV e V) e de um microcephalo (obs. IX) da collecção de Rilhafolles.

D.) **Chromophilia.** — A chromophilia anda a par da symetria. É tanto mais pronunciada quanto mais baixo está o paciente na escála das degenerescencias. Tanto os idiotas como os epilepticos teem a philia da côr. Ordinariamente, os pacientes executam simples figuras geométricas, lineares, só pelo prazer de colorir. Outras vezes (obs. V) copiam objectos domésticos, cantaras, etc., dando-lhes côres vivas e disparatadas, de ordinario o ocre e o vermelhão. Os desenhos do microcephalo da obs. IX, dão a impressão de mosaicos. A chromophilia resvala n'uma perfeita cacochromia. Os paranoicos, tendo tambem a philia da côr, são equilibrados e justos na sua distribuição. Aparte a possivel interferencia do metachroismo e tanto quanto lhes permitte a variedade tonal das côres que possuem, os paranoicos são perfeitamente euchromicos. O que buscam constantemente é a violencia, a intensidade do colorido. Tratando, por exemplo, uns pannejamentos a vermelho, e enxergando pouca violencia no almagre empregado, recorrem ás apposições de papel de côr. Recortam-no devotamente, paciente-

mente, e collocam-no sobre as roupas a colorir. É vulgarissimo o expediente no nosso paranoico santeiro (obs. III) e no epileptico seu mestre (obs. IV). Tanto o primeiro como o segundo teem a predilecção dos assumptos de Novo Testamento e de *Flos sanctorum*. O pormenor liturgico exigindo lhes uma decoração rica, — o frontal d'um altar, a ourivesaria d'um sacrario, o pontifical d'um bispo (obs. cit.) — leva-os ás muito communs applicações de papel doirado. Por toda a parte, na documentação de Rilhafolles, reluzem as mitras aurifrigiadas, os pannejamentos exaurados. Processo analogo ao do pintor dos «nevoeiros do pinhal» que bysantinisa os retratos pondo-lhes fundos d'oiro. Entretanto, o paranoico da obs. III, mais sobrio e incomparavelmente mais habil do que o mestre, emprega, tanto quanto lhe permitte o seu escasso arsenal de drogas, a côr justa ou pelo menos approximada. As mascaras dos seus santos, dos seus bispos, das suas figuras apostolicas são, como anatomia e como carnação, d'uma relativa justezá. A chromophilia, sob uma fórma cacochromica, acompanha ordinariamente a symetria e é quasi exclusiva ao idiota e ao epileptico.

E.) **Auto-reproducção somatica**.—Muitas vezes, o louco artista, nas cabeças que desenha, reproduz a sua propria cabeça. O typo é sempre ou quasi sempre o mesmo. A estygmatisação somatica do doente, se por ventura a tem, apparece na mascara desenhada. Verdade seja que, muitas vezes, se encontram duas imperfeições, — a imperfeição da execução e a propria imperfeição somatica do doente, podendo dar a illusão d'uma auto-reproducção. Mas o que é certo é que o traço caricatural

mais evidente corresponde sempre á mais evidente deformação estygmatica do artista (obs. IV). O acrocephalo faz acrocephalos, o prognáta faz prognátas, o asymetrico faz asymetricos. Vê-se um pouco isto, cá fóra, na arte cotada. O pintor X., epileptico, de perfil accentuadamente semita, nariz marcado, septo nasal obliquo, labio fino, mento forte, stenocephalo, reproduz-se, ordinariamente, em todas as figuras creadas. O pintor Y., um pleiochromico, põe em todas as mascaras, inclusivamente nos retratos, a tinta biliosa do seu tegumento. O primeiro tem a consciencia d'essa auto-reproducção somatica e elle proprio pergunta muitas vezes: «por que será que todas as minhas figuras se parecem commigo?» Um traço anecdotico da vida artistica manicomial mostra bem a fatalidade do caso: O demente paralytico A. G. fez o retrato do epileptico P. R. Ao reproduzir-lhe a mascara fortemente estygmatisada, accentuou por demais o prognatismo do doente, que se mostrou escandalisado com tamanho avantajamento de mandibula e prometteu fazer, elle proprio, a sua «véra imagem». Fel-a, realmente, no proposito da reducção da maxila calumniada, mas — fatalidade da auto reproducção — poz-lhe um queixo ainda maior!

F). **Onomatopoiése. Neologismo.** — Tanzi e Riva tinham já notado, no seu estudo sobre a paranoia (Arch. de Freniátria), a grande tendeneia d'esta raça de vesanicos para a creação de palavras novas. Egual observação faz Ales Hrdlicka no citado artigo do *American Journal of Insanity*. Effectivamente, a exteriorisação symbolica do seu dilirio leva o paranoico á necessidade do neologismo. Além d'isso,

com a floração da vesania, muda por inteiro a personalidade do doente: o paranoico é uma creatura que torna a nascer. O vocabulario de que se servia a primeira personalidade torna-se iusufficiente para a personalidade nova. Impõe-se a creação d'outras palavras, — sobre tudo d'aquellas que possam consubstanciar, d'um modo symbolico, o contheúdo das idias delirantes. Os proprios erros sensoriaes conduzem á onomatopoiése. Mas não é só no paranoico que se nota o emprego do neologismo (obs. VII e X). Encontra-se ás vezes nos escriptos do maniaco, do epileptico e do criminoso-nato (varios doc. de Rilhafolles). O calão, a nossa giria criminal, a «giria dos malandros» como lhe chama Bluteau, é a expressão viva d'essa tendencia na marafona, no *filho de mosco* e no fadista, que *cantam á lupa* e *galram verbos tréfes* por essas alfurjas da velha Mouraria. É pena que, entre nós, esteja tão pouco estudado o calão criminal. A giria franceza foi inteiramente recolhida nos varios vocabularios do *argot*, do *jargon*, da *langue verte*. Na Allemanha, na Inglaterra, na Italia, abundam os estudos sobre o *rothwelsch*, o *slang*, o *gergo*. Entre nós, nada ou quasi nada. Do calão do século XVIII algumas palavras ficaram nas operas comicas de Alexandre de Lima e nas *Enfermidades da Lingoa*. Da giria d'agora, tão colorida e de feitio tão profundamente symbolico, apenas se conhece um pallido elucidario dado por episodio n'uma obra sobre ciganos.

G). **Incoherencia.** — Todos ou quasi todos os documentos originarios de maniacos, dementes paralyticos ou delirantes systematicos são profundamente inconherentes. Essa falta de conherencia e

de logica affecta, entretanto, modalidades diversas. Da acceleração das representações, no hyperhedonico, resulta uma lingoagem de malhas perdidas, fragmentária, desconchavada, cheia de lacunas correspondentes a palavras, phrases ou pensamentos inteiros que não tiveram tempo de fixar-se, gafa de vocabulos e detrictos syllabicos reunidos por simples alitterações ou consonancias, ferida, emfim, da incoherencia mais desastrosa e tomando a feição d'uma algaravia ás vezes brilhante, mas sempre grotesca e tumultuária. A graphica é vertiginosa, cheia d'angulos, eriçada; palavras mutiladas, agrupamentos synlogicos, reliquias de syllabas vindas de toda a parte integrando-se n'um corpo unico de vocabulo que póde fazer suppor o neologismo; figurações substituindo palavras e fazendo suspeitar tendencias symbolicas; tudo, afinal, se reúne no manuscripto do maniaco para o tornar illegivel e obscuro. — A incoherencia do paralytico geral já é differente. O crepusculo intellectual, a amnésia, episodicamente a paragraphia, dão ao documento do paralytico um caracter especial. O valor da palavra perde-se; d'ahi, a impropriedade, a confusão, a incoherencia, a dysphrasia. O doente esquece-se de que já empregou tal ou tal vocabulo e repete-o, vezes sem conto. O fio conductor da idéa perde-se logo ás primeiras phrases. O paralytico (como n'um caso de Rilhafolles) diz-se o «rei Pharáo, constructor d'uma ponte sobre o Atlantico, possuidor de mil contos por dia» e logo a seguir, na mesma carta, pede «dezréisinhos para cigarros». Esta falta de coherencia e de logica é caracteristica das idéas grandiosas do paralytico. Sob o ponto de vista graphico, os documentos são desastrados: as desordens de coordenação dão-lhe um

feitio especial de senéctude, de tremura, de irregularidade. O papel é, de ordinario, sórdido, rebuscado inclusivamente no esterco e manchado de tinta...
— Já a incoherencia do paranoico é muito outra: vem do erro egocentrico, que léva o doente a ligar os factos mais desconnexos, mais afastados, e a referil-os á sua personalidade; do abuso da syntaxe figurada; da insistencia sobre certas palavras ou phrases a que o paranoico dá um especial valor (obs. VII, X,XI); do constante emprego da allegoria e do symbolo; do colorido de mysterio emprestado a certos vocabulos ou locuções sempre sublinhadas e muito repetidas; da onomatopoiése e do cultivo do archaismo; da errada accentuação oratoria; da existencia de allucinações e illusões, — e, por ultimo, da exhuberancia ás vezes brilhante mas confusa dos ricos enroupamentos da lingoagem. O doente acaba por crear uma giria individual, um verdadeiro «calão paranoico», que torna ás vezes difficil a interpretação dos seus documentos. — Na idiotia itellectual, na imbecilidade, (e é o caso d'alguns dos nossos poetas minimos), a incoherencia vem pela reúnião ou pela incrustação de vocabulos ou phrases segundo um critério de maior riqueza chrómica ou musical, ordinariamente colhidos na obra alheia, succedendo-se n'um rythmo unctuoso e embalador, e onde nem por milagre se enxérga a sombra d'uma idéa.

Por exemplo:

«Resa a lua na eburnea cathedral,
Toma o seu manto d'uma alvura d'aza,
O Magnolia de neve e d'aromal . »

Ou melhor:

«Dhalias, ranunculos ardentes,
Flori, ó Calices! o Ar.
Oiro em fusão, rubis e luar,
Melancolias dos poentes».

H). **Erro egocentrico.** — O paranoico é um hyper-subjectivo. Esse excesso de subjectivismo, expressão d'uma evolução regressiva, vicia por inteiro as suas relações com o exterior. O paranoico interpreta erradamente todos os factos que se relacionam ou que elle relaciona com a sua personalidade amplificada, — erro este que se accentua e se aggrava com a floração d'um delirio. O mundo circumlatente perverte-se e deforma-se em face ao *ego* paranoico: o erro egocentrico, documentado e por assim dizer fixado pelas allucinações, marca com a sua constante rubrica os documentos que o doente nos fornece, e quasi sempre, portanto, os documentos d'arte (obs. VII e XI). D'ahi, o ar extranho e monstruoso das creações do paranoico, quando referidas ao seu systema delirante. A autophilia e o exaggero de personalidade, que ás vezes se notam em certos artistas cotados, podem considerar-se como expressão d'um «feitio paranoico».

I). **Viciações epilepticas.** — *O morbus sacer*, nevrose banalissima a que se quiz vestir o pontifical do genio, nada de valioso produz sob o ponto de vista d'arte. Entre tantos epilepticos que tem Rilhafolles, nem um genio só, sendo a epilepsia o ventre creador dos genios! E que admira, se todo o comicial o é *ab-ovo*, terreno maldito para toda a raça de educação, se a grande massa dos «sagra-

dos» são verdadeiros débeis, e se a decadencia intellectual, no *morbus sacer*, é uma verdade clinica que fére todos os observadores? Recorrendo á documentação d'este trabalho, encontramos a fina flôr das obras d'arte que nos tem dado, nos ultimos tempos, a população epileptica de Rilhafolles: incoherencias, predilecção pelas fórmas externas do culto, religiosidade excessiva e hypocrita, symetria, cacochromia e abuso d'oiro nos documentos picturaes (obs. IV), figuras desbragadas e escurrilidades torpes d'envolta com imagens devotas e latins de ritual (obs. cit.), tendencias para a figuração de animaes fabulosos (obs. V), — nos documentos escriptos, os offertorios de feitio bájulo e meloso, os deminuitivos constantes, os caracteristicos «vossa excellentissima, vossa reverendissima», e, por derradeiro, ainda nas menos toscas manifestações d'arte, a affirmação d'uma inteira invalidade psychica. Se o mal sagrado fosse realmente o grande seio creador do genio, como Rilhafolles se desentranharia em luminosas creações, em estupendas riquezas plasticas e imaginativas, e como estaria deslocada, lá baixo, nos muros fradescos de San Francisco, a nossa beata academia de Bellas Artes!

VI

Conclusão.— Approximação da arte manicomial e da arte decadente.— A paranoia e os poetas.— A paranoia e os pintores.— Ainda o bysantinismo dos fundos d'oiro. — Consagração e extravagancia — As multidões taradas.— O que dizia ha um seculo certo poeta comico. — A critica e os criticos. — Fecha-se o capitulo com dois versos do jogral de Sarria a Martim Môxa.

Da fixação d'estas caracteristicas e do seu estudo acima feito resulta uma desconsoladora verdade: a de que as viciações que férem a arte do louco apparecem por egual na litteratura e na arte consagrada, bem ás claras, marcando a obra de muito decadente que empunha com ar pontificio a cabuta luminosa de «pastor de escóla». Não é um proposito, este de encontrar semelhanças entre a arte dos manicomios e a arte cá de fóra. Não obedece ao desejo de ferir este ou aquelle, mais glabro um, mais derrancado outro. A observação vem d'uma simples approximação de documentos. Symbolismo, allegoria, anachronismo, cacochromia, excessiva religiosidade, tendencias para a decoração liturgica, incoherencia, onomatopoiése, autophilia, egoismo, amplificação de personalidade, — tudo isto se vê na obra d'alguns dos nossos pintores e poetas mais altamente cotados. Mas, sem discussão, é a arte decadente a que mais pontos de contacto offe-

rece com a arte manicomial. Na fixação das caracteristicas, já pouco a pouco o fômos mostrando. A insistencia seria desagradavel, tanto mais, quanto é certo que nos levaria a citar nomes. Alguns dos nossos *poetae minores* são, evidentemente, creaturas que degeneraram. A estygmatisação somatica, as heranças morbidas, o anachronismo, a egocentricidade, a ausencia de critica, reunem-se ás vezes nas mesmas figuras da Dissolução dando o typo do paranoico indifferente. As mascaras feridas de asymetria, a mandibula em galocha, os dentes irregulares, mal plantados e roídos como réstos de ruina romana, os septos nasaes obliquos, as orelhas mal modeladas, em aza de fogareiro, os craneos plagiocephalos, oxycephalos, acrocephalos, a face glabra e sacerdotal, emfim, tudo se conspira contra o nephelibata para o tornar prêsa do alienista. *A vultu vitium*, diziam os latinos: *il ciuffo e nel ceffo*, diz o proverbio toscano; *Deus que o marcou algum defeito lhe encontrou*, dizemos nós. Pessoaes exaggerados, egoistas dentro da sua lirica, referindo o mundo circumlatente á sua pessôa escalavrada, incoherentes a ponto de nos darem rosarios de palavras musicaes ou chrómicas sem construção syntaxica, vaidosos como femeas, mergulhados n'um mysticismo unctuoso onde ha toques sexuaes, sensualmente beatos como aquelle frade do agiologio «que pendurava relicarios d'oiro nos bicos dos peitos», cultivando a attitude e fazendo a critica dos seus proprios livros, os *poetae minores* trahem, abertamente, a mentalidade paranoica. Mas não são só elles. Escrevinhadores ha, officialmente sagrados, com a corôa de loiros a bolir-lhe no craneosinho agudo, palavrosos e balofos, fazendo artigos illuminados d'uma falsa

Retrato do epileptico P. R.
feito pelo paralytico geral A. G.

tinta erudita, córneos, angulosos, eriçados, torcidos como as figuras caricaturaes de Jossot, — artigos onde não ha uma idéa, áridos, seccos, e d'onde punge a vaidade dos mattoides, profundamente cómica, profundamente grotesca! E entre os pintores dá-se o mesmo. Este, bysantinisa os retratos pondo-lhes fundos d'oiro e impinge effeitos impressionistas em pastadas de negro e vermelhão; aquelle, dá-nos paizagens de esmalte em vez de natureza palpitante; est'outro, epileptico e derrancado, brocha monstruosidades; aquell'outro, genial é certo, adoece todas as suas figuras... E a grande maioria tarada das multidões applaude uns e outros, pintores e poetas, ferida e impressionada exactamente pelo que ha de insano na obra, pela extravagancia, pelo excessivo pessoalismo, pela exterioridade brilhante dos pannejamentos na pintura, do enroupamento da lingoagem na poesia decadente, — e a dissolução alastra, e a arte perverte-se, porque o *snob* e o *fumista* gandaieiro dos theatros e das exposições applaudem apoplecticamente aquillo que não entendem... É assim o vulgo. Disse-o ha um século um dos nossos melhores poetas cómicos, farto de vêr no theatro os «chascos de cruz diabo», os risos bufões das comédias attalanas, as graçolas incoherentes d'orate das burletas do Bairro Alto:

> O que elle não entende é em toda a parte
> O que celébra mais...»

A critica, mal armada, não sabendo distinguir a Arte pura do desvio degenerativo, deixa florir consagrações em volta do vesanico victorioso, ergue-o aos córnos da lua, veste-lhe toga pretexta e expõe no

á multidão ajoelhada... A extravagancia doentia das creações é vista sob a côr brilhante d'um maior explendor poiético; a vaidade sandia é orgulho justificado; a incoherencia é fructo da technica impressionista dos descriptivos, da chromophilia que faz de todo o poeta um pintor; o symbolismo e a allegoria constantes veem de imposições de escóla preferida; a onomatopoiése, emfim, apparece como expressão da necessidade de expansão da lingoa... Tudo se explica, porque a critica dorme, porque não conhece as viciações caracteristicas do «desvio vesanico», porque nunca viu o documento d'arte de um louco, porque nunca entrou n'um manicomio, porque não sabe lêr um livro nem observar uma téla, porque se limita ao logar commum «recebemos e agradecemos», porque não tem base scientifica, porque ametade dos jornalistas militantes, seja dito em louvor da outra metade! foi recrutada entre a mocidade fallída dos lyceus... É preciso que ensinemos a critica a criticar-nos, que lhe mostremos antes de tudo a arte manicomial para que aprenda a lobrigar as viciações da arte sã, que a eduquemos, para que ella eduque a grande massa que não pensa por si nem sente por si. Este desvalioso trabalho, apresentando a arte e os artistas de Rilhafolles, é uma tôsca e humilde pedra rojada aos primeiros caboucos. A critica que faça o seu dever. Só lhe diremos, para remate d'estes apontamentos, o que o jogral de Sarría dizia a Martim Môxa, no «*Cancioneiro da Vaticana*»:

> «De profaçar as gentes sandias
> Non avedes porque vos embargar.»

Lisboa, Junho, 1900.